

## GÊNERO E SEXUALIDADE NA SALA DE AULA: O USO DO CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

### GENDER AND SEXUALITY IN THE CLASSROOM: THE USE OF CINEMA AS EDUCATIONAL RESOURCE

Marcelo Borges Rocha<sup>1</sup>  
Cristiane Mendes Thomaz<sup>2</sup>  
Marcelo Nogueira Mattos<sup>3</sup>

#### Resumo

Este estudo teve por objetivo investigar o potencial pedagógico de filmes na discussão sobre gênero e sexualidade com alunos/as do ensino médio. A escola, apesar de apresentar organização e cultura próprias, configura-se num espaço plural, com grande diversidade. Ao introduzir a discussão sobre gênero e sexualidade na escola, amplia-se o olhar em relação aos papéis sociais dos sujeitos. O cinema tem o poder de fazer o telespectador vivenciar experiências, sensações e emoções adormecidas e com as quais não dialoga por não ter essas vivências em seu cotidiano. Neste trabalho, foram exibidos três filmes para alunos/as do ensino médio. Estes alunos/as responderam questionários sobre suas concepções acerca do conceito de gênero e sexualidade antes e após a exibição. Após a análise dos dados, observou-se que os filmes apresentaram potencial relevante para a discussão crítica sobre gênero e sexualidade no ensino médio. A metodologia utilizada mostrou-se eficiente no sentido de romper paradigmas arraigados em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Cinema.

#### Abstract

This study aimed to investigate the pedagogical potential of films in the discussion about gender and sexuality with high school students. The school despite having organization and own culture, is configured in a plural space, with great diversity. In introducing the discussion on gender and sexuality in school, widens his eyes in relation to the social roles of the subjects. The cinema has the power to make the viewer experience experiences, dormant feelings and emotions and which does not dialogue by not having these experiences in their daily lives. This study has shown three films for high school students. These students completed questionnaires on their views about the concept of gender and sexuality before and after the screening. After analyzing the data, it was observed that the films showed significant potential for critical discussion on gender and sexuality in high school. The methodology used was efficient in the sense of breaking paradigms rooted in our society.

**Key-words:** Gender. Sexuality. Cinema.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Biológicas pela UFRJ, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do CEFET/RJ. Email: rochamarcelo36@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação pelo CEFET/RJ. Email: cmendes@hotmail.com

<sup>3</sup> Músico formado pela UFRJ. Email: mnogueiram@gmail.com

## 1. Introdução

A educação, do ponto de vista social, é a interferência que a sociedade exerce no desenvolvimento de homens e mulheres por meio de um conjunto de estruturas, influências, processos e ações. Segundo Aranha (1996, p. 50),

O ato pedagógico pode ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível da influência do meio, interação essa que se configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida.

Embora a educação tenha como função manter e reproduzir a sociedade, ela colabora com a sua transformação, pois contribui com o desenvolvimento da capacidade de pensar das pessoas que individualmente e em grupos, passam a ter possibilidades de refletir sobre a realidade que os cerca. Um dos pilares da educação é a preparação para a prática da cidadania, que se consubstancia no exercício pleno da democracia. Portanto, a educação só cumpre o seu fim quando proporciona uma visão crítica do mundo.

O processo educativo acontece no interior da sociedade em diferentes espaços, de maneira formal, informal e não formal, sistemática e assystematicamente. Boa parte da demanda educacional em uma sociedade é assumida pela educação formal no interior das instituições de ensino. Portanto, tendo em vista como fim almejado por essa educação a formação de um cidadão crítico e consciente de sua atuação e responsabilidade dentro das engrenagens da sociedade na qual está inserido, faz-se necessário que o currículo, as metodologias, os métodos e a corrente pedagógica eleita pelo sistema de ensino sejam propiciadores dessa realidade. Para atingir essa meta, o currículo apresenta-se como o próprio fundamento de qualquer sistema de ensino, ele é o elemento nuclear de um projeto pedagógico. (SCHMIDT, 2003).

Definir currículo não é fácil e também não é a tarefa à qual nos propomos. A realidade é que existem mais de 50 definições para o termo (SCHMIDT, 2003). Mas, como nos diz Lopes e Macedo (2011), há, certamente, um aspecto comum a tudo o que tem sido chamado currículo: a ideia de organização, prévia ou não, de experiências/situações de aprendizagem realizada por docentes/redes de ensino de forma a levar a cabo um processo educativo.

Pedra (1993) define currículo como uma seleção de conhecimentos, atitudes, valores e modos de vida, presentes na cultura de uma determinada sociedade, considerados importantes para serem transmitidos às gerações sucessoras.

Ao constatarmos que o currículo se traduz numa rede de intencionalidades, utilizando em nossas reflexões o recorte da história ocidental, podemos verificar que a construção curricular das instituições educacionais é perpassada e legitimada pelas pressões e demandas sociais. Nesse particular, é evidente a relevância cultural nas questões relacionadas aos direitos conferidos (ou negados) às mulheres na história ocidental e seus reflexos na educação formal, ou não formal e informal, delegada ao sexo feminino.

É certo afirmarmos que muitas conquistas foram realizadas ao longo da história ocidental relativas às conquistas femininas e à escolarização da mulher. Porém, ainda é visível a discriminação sofrida pelas mulheres em nossa sociedade. E a realidade é que as mulheres ainda se encontram em uma posição de desvantagem na sociedade, e se a escola reproduz a cultura dominante é de se esperar que os currículos escolares contemplem essa desigualdade mesmo que de forma velada.

A educação pode colaborar com a transformação da sociedade. Desse modo, a abordagem crítica de temas como gênero e sexualidade no ambiente escolar deve contribuir para a superação de visões distorcidas e reducionistas sobre essa temática proporcionando a construção de uma sociedade mais justa.

A concepção vigente na sociedade acerca do tema circunscreve a natureza feminina e masculina como uma atribuição puramente biológica, porém o gênero deve ser entendido como constituinte da identidade dos sujeitos. Desse modo pode ser interpretado como uma construção social. Uma educação crítica deve dar conta dessa demanda construindo uma sociedade mais justa e isonômica onde a diferença no sexo biológico não fundamente as desigualdades sociais.

Diante deste cenário, o presente estudo teve como objetivo investigar o potencial didático de filmes como recurso para mediar a discussão sobre questões de gênero e sexualidade com estudantes do ensino médio.

## **2. Referencial Teórico**

Ao analisarmos a trajetória da mulher ocidental sob uma perspectiva histórica perceberemos que durante muitos séculos ela se manteve à margem e relegada a segundo plano nos feitos que corroboraram para a constituição e consolidação da civilização moderna. Sua atuação era privada e conseqüentemente a sua invisibilidade nos templos domésticos era tida como natural, ao contrário do homem, que sempre foi admitido como figura pública e era

exatamente no espaço público em que ocorriam os fatos importantes para a história. Dessa forma, a história da civilização ocidental desenvolveu-se através desse modelo, no qual o homem é o sujeito histórico, o agente da história. (FOLLADOR, 2009).

Diante desse panorama, no final do século XIX, há uma convergência dos movimentos a favor da inserção da História da Mulher no cenário da história da humanidade contabilizando a contribuição feminina na formação da sociedade, bem como, dos movimentos feministas, como o “sufragismo”, de cunho político e social, a favor da concessão de direitos às mulheres, somente as brancas e de classe média e alta, originalmente ofertados somente aos homens.

Essa primeira onda de movimentos ditos feministas tinha como fundamento a concessão de direitos negados às mulheres, bem como a sua visibilidade no cenário histórico. Somente nas décadas de sessenta e setenta do século passado que o movimento feminista toma uma nova roupagem tendo início as primeiras teorizações sobre os estudos femininos.

Na formulação dessa nova roupagem dos estudos feministas surge o termo “gênero”, que como nos diz Louro (1999, p. 21)

Visando ‘rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual’, elas ( as feministas) desejam acentuar, através da linguagem, ‘o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo’. Ao dirigir o foco para o caráter ‘fundamentalmente social’, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatiza, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

A partir da formulação do termo “gênero” que garante o aspecto relacional e, portanto, cultural às construções realizadas sob a alcunha de masculinas e femininas, começam a serem questionadas e abolidas as justificativas para a prevalência e ratificação das desigualdades entre homens e mulheres baseadas apenas na constituição biológica.

O termo gênero, hoje aceito e utilizado largamente, foi apropriado e interpretado, ao longo da história dos estudos feministas, a partir das convicções próprias de cada corrente do movimento. Desse modo, o termo foi elaborado a partir de tensões, uma peculiaridade própria da Ciência, não havendo uma única conceituação para o mesmo e, sim, várias abordagens construídas a partir do paradigma científico adotado pela corrente que o teoriza. Por esse motivo, reforçamos que, dentre um universo de conceituações e correntes que teorizam sobre o tema, escolhemos a que, a nosso ver, atende aos objetivos do presente trabalho, que não se debruça sobre teorizações a cerca do termo gênero, e, sim, o utiliza como possível ferramenta para a interpretação de uma escola mais plural e isonômica.

Para uma melhor compreensão do termo nos propomos a analisar brevemente o panorama no qual o mesmo se inscreve. Temos na atualidade, numa perspectiva histórico-crítica, basicamente três ramos de teorizações sobre gênero: a dos (as) teóricos (as) do patriarcado, a elaborada pelas feministas marxistas e as teorias psicanalíticas de matriz pós-estruturalista e anglo-saxônica (GUERRA, 2011). O conceito que adotamos pertence a uma perspectiva pós-estruturalista.

Heleieth Saffioti (2009), em seu artigo intitulado **Ontogênese e Filogênese do Gênero**, analisa a formulação e a apropriação do termo gênero pelas principais correntes de teorização do movimento feminista refletindo sobre seus limites e suas contribuições na formulação de uma base analítica para o gênero. Segundo a pesquisadora, as correntes de teorizações atuais sobre o referido gênero trazem contribuições apreciáveis para se pensar nas causalidades e arranjos que ocasionaram a realidade histórica e ainda atual das desigualdades entre homens e mulheres, com o evidente desprestígio das segundas. Porém, sozinhas não são capazes de responder plenamente enquanto pressupostos teóricos às contingências envolvidas no tema.

O que fica claro é que, ultrapassando os esforços das teorizações sobre gênero, um aspecto prevalece e se mantém em todas elas, que é o seu caráter relacional, quando procura abarcar questões históricas e contemporâneas no que se refere às relações desiguais entre os homens e mulheres.

Sempre que pensamos em gênero, quase que automaticamente somos remetidos ao conceito de sexualidade, e quando assumimos como balizador de nossa pesquisa um conceito que não permite a separação entre o biológico e o social, somos obrigados a esclarecer que gênero e sexualidade são conceitos distintos, porém participantes de uma mesma dinâmica. Da mesma forma que gênero é uma construção social, não é dada, não é estanque, a sexualidade também assume essa característica. Ela é construção que se substancia por toda a vida de uma pessoa podendo ser vivenciada de formas diversas ao longo da vida.

[...] sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política... a sexualidade é 'aprendida', ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.

Portanto, é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.) . (LOURO, 2004, p. 08 - 09)

## 2.1 Um olhar sobre a diversidade na escola

A educação apresenta como uma de suas finalidades servir à sociedade, essa prestação de serviço se realiza quando a escola se apropria das demandas culturais de nossa sociedade e as reproduz em seu ambiente. Porém, devemos considerar que o espaço social é multicultural, ou seja, existem vários grupos culturais representados dentro de uma sociedade. Mas, a educação escolar, longe de abarcar essa diversidade, reelabora os conteúdos da cultura vigente e cria uma cultura escolar nacional que deve ser compartilhada por todo seu sistema de ensino.

Na dinâmica social torna-se evidente uma relação de poder onde alguns grupos mais expressivos dentro de uma sociedade garantem a hegemonia cultural que os representa. Enquanto alguns outros grupos ocupam lugares marginais.

Essa estrutura social desigual é compartilhada pelo ambiente escolar que como reprodução da própria sociedade é também um ambiente plural e multicultural, mesmo que essa multiculturalidade seja velada e não admitida. A escola cria sua própria cultura, a chamada cultura escolar, subsidiária da cultura hegemônica nacional vigente; são comportamentos, vestimentas, atitudes, horários, todos próprios do ambiente escolar.

Um dos grandes desafios da educação na atualidade e para o futuro é reconhecer a diversidade dentro do ambiente escolar. Comprometendo-se por reconhecer, não somente que a diferença existe, mas sim, legitimá-la. Esta diversidade é em relação a diversos aspectos, tais como raça, gênero, classe, entre outros. Uma mulher pode ser discriminada somente pelo fato de ser mulher, mas, se além de ser mulher ela for negra, pobre e funkeira, pode tornar a rejeição social muito mais flagrante.

### A escola deve ser vista como uma arena cultural

O que significa entendê-la como um espaço em que entram em confronto- e em diálogo- diferentes sujeitos e *diferentes modos de significação do mundo*, o que inclui modos diversos de criar sentido para a sexualidade, para o gênero, para si mesmo e para o outro. Significações atravessadas pelas intencionalidades de diferentes sujeitos. Padrões que dizem quem é feio quem é bonito, qual o cabelo bom, qual o cabelo ruim, que roupas são de meninos, que roupas são de meninas, quais os jeitos e trejeitos que ele ou ela, eu ou você podemos ter. Normas que são construídas e desconstruídas, num jogo que envolve desigualdades, opressões, contradições e enfrentamentos. (BORTOLINI, 2011, p. 31).

A diversidade é cada dia mais evidente em nossa sociedade, mas a aceitação das diferenças não caminha em condições de igualdade. No ano de 2008, uma pesquisa realizada pelo IBOPE revelou que:

- 56% dos entrevistados mudariam sua conduta com o colega de trabalho se soubessem que ele é homossexual. Um em cada cinco se afastaria e passaria a evitá-lo;
- 36% não contratariam um homossexual para um cargo em sua empresa, mesmo que ele fosse o mais qualificado entre os candidatos;
- 45% trocariam de médico se descobrissem que ele é *gay*;
- 79% ficariam tristes se tivessem um filho homossexual;
- 8% seriam capazes de castigá-lo;
- 62% acham que o pai deve tentar convencer seu filho a mudar de condição quando descobre que é homossexual. (BORTOLINI, 2011).

Nesse trabalho abordamos de forma mais enfática as relações de gênero, ou seja, as construções e vivências das feminilidades e masculinidades e nos debruçamos sobre a patente subalternidade feminina na história da humanidade e esse olhar nos leva à conclusão de que ser mulher já é um desvio, então qual será o tratamento ofertado àqueles que não são considerados homens, nem mulheres e, sim os desviantes do desvio? Para superar esse estado de opressão, desigualdade, desrespeito o primeiro passo é o reconhecimento da diferença, movimento que se contrapõe à negação. Para posteriormente trabalhar a aceitação.

## **2.2 Filmes sobre sexualidade e questões de gênero como recurso pedagógico**

Para discutir gênero e sexualidade na escola ultrapassando os limites impostos pelo engessamento curricular, encarando a necessidade dessa discussão como fomentadora de mudanças não somente no espaço escolar como na sociedade, devemos superar o verbalismo tradicional. É necessária uma imersão no universo das representações sociais existentes sobre gênero e sexualidade em nossa sociedade. Participar desse universo para daí criar significados e construir uma visão mais embasada sobre o assunto, quando muitas vezes as várias realidades impostas pelo tema estão distantes de nós, requer um poder imaginativo que nos é suprido através da película cinematográfica.

O cinema tem o poder de fazer o telespectador vivenciar experiências, sensações e emoções adormecidas e com as quais não dialoga por não ter essas vivências em seu cotidiano. O filme funciona como essa quebra de dormência que suscita ao sujeito pensar em situações que estão inseridas na sociedade e não são diretamente vivenciadas por ele, mas que fazem parte de sua realidade ao admitirmos que vivemos numa sociedade onde todos são afetados reciprocamente por escolhas e ações. Portanto, não existe nada que não nos diga

respeito e ter condições de se posicionar ajuizadamente, criticamente sobre gênero e sexualidade é uma necessidade que a todos é sugerida, e, à escola, imposta. “O cinema através de suas produções apresenta diversos aspectos sobre nossa cultura e sociedade, criando imagens que têm a intenção de explicar o nosso mundo”. (SANTOS, 2010, p. 12).

O filme por si só não está investido de um poder mágico que faz com que sua exibição torne a educação um processo mais significativo, ele é uma tecnologia e como todas as outras, precisa ser habilmente utilizado para se converter em propiciador das experiências que almejamos. Desse modo, é necessária técnica para desfrutar de todas as vantagens do filme. Com esse pensamento, é perceptível que a mediação docente é indispensável quando o mesmo se apresenta como o agente que sugere reflexões, aponta episódios úteis para serem analisados, convida à interpretação dos fatos.

Ao trabalhar filmes com a temática de gênero e sexualidade é de responsabilidade do/a professor/a facilitar os caminhos para que os/as alunos/as construam suas reflexões direcionando seus olhares para situações cotidianas dramatizadas nos filmes que demonstram os aspectos históricos, culturais e sociais envolvidos no tema. É a mediação do/a professor/a através de um trabalho previamente planejado que vai possibilitar a discussão de situações envolvendo relações de gênero; desigualdade de gênero; preconceito de gênero; papéis sociais e a construção social do gênero.

### 3 Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola de educação básica da Rede Estadual de Ensino localizada no município de Nova Iguaçu. O público-alvo foram sessenta e oito estudantes do 3º ano do ensino médio nos turnos da manhã e da tarde. A escolha de turmas de 3º ano se justifica pelo fato de serem alunos concluintes tendo, teoricamente, apreendido todo o cabedal de habilidades e competências referentes à educação básica, portanto sujeitos ideais para a análise de como o tema gênero e sexualidade tem sido administrado pela escola.

A coleta de dados foi realizada em etapas, sendo a primeira, uma fase de sondagem; levantamento de conceitos prévios dos alunos em relação ao tema pesquisado através de questionário estruturado. Após o questionário foram realizadas as exibições dos filmes selecionados. Houve um intervalo de aproximadamente dois meses entre o questionário e a exibição dos filmes. Tendo concluído a exibição dos filmes foi realizada uma nova aplicação de questionários. O questionário utilizado após a exibição dos filmes foi o mesmo utilizado na sondagem.

O questionário continha uma primeira parte com questões referentes a dados socioeconômicos e uma segunda parte com nove questões referentes a opiniões e conceitos prévios sobre gênero e sexualidade. Após a aplicação dos questionários os/as alunos/as participaram das exibições dos filmes.

Os filmes foram exibidos semanalmente, um a cada semana completando o total de três filmes. Os filmes foram exibidos na escola e os alunos foram convidados a anotar questões e observações que julgassem interessantes sobre as películas para posterior discussão. Encerrada a etapa de exibição de filmes foi realizada uma atividade de reflexão sobre os mesmos na qual os/as alunos/as tiveram a oportunidade de colocar suas impressões sobre todo o conteúdo disponibilizado e vivenciado durante os filmes.

A última etapa da pesquisa ocorreu vinte dias após a atividade de mediação. O questionário aplicado nesta fase foi o mesmo da fase anterior. Somente foram considerados os questionários dos alunos que participaram de todas as etapas da pesquisa.

Ao selecionar os filmes para a pesquisa foi levada em consideração a adequação dos mesmos aos objetivos e à realidade dos estudantes. Após a análise de uma lista contendo um grande número de possibilidades, escolheram-se três filmes que atenderiam aos questionamentos que seriam necessários levantar no momento da mediação e sobre os quais era esperado que os/as alunos/as refletissem. Desse modo, os filmes escolhidos foram *Os Acusados*, *Billy Elliot* e *Uma família bem diferente*.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 Perfil socioeconômico

O questionário de análise foi elaborado objetivando, em sua primeira parte, obter informações sobre a realidade socioeconômica dos estudantes participantes da pesquisa. Dos sessenta e oito estudantes, 54% eram homens e 46% mulheres. Em relação à faixa etária do grupo das mulheres a maior representatividade está na faixa etária dos 17 anos com maioria absoluta. A amostra apresentou respondentes entre 16 e 20 anos. Em relação à faixa etária dos homens, o grupo de maior prevalência é dos que apresentam 17 anos com maioria absoluta, tendo representantes também entre 16 e 20 anos, excetuando-se representantes de 19 anos.

Quando questionados sobre a composição familiar, a maioria absoluta apresentou uma composição familiar tradicional, ou seja, 34 dos respondentes residem com pai, mãe e irmãos/irmãs. Com uma representação não menos significativa aparecem as famílias que são comandadas pelas mães e na ausência de um companheiro (25 dos respondentes). Um número

bem menor reside com outro parente que não os genitores. E ainda houve três casos de famílias chefiadas pelos pais e com ausência de uma companheira.

Quanto aos responsáveis por suprir as necessidades financeiras da família 38% disseram ser pai e mãe os responsáveis pela manutenção familiar, seguidos com grande proximidade por cerca de 20 famílias (33%) mantidas somente pelas mães. Um percentual menor das famílias (20%) tem como único responsável o pai. E uma pequena parte é mantida por tios e avós (9%), realidade em que entra como principal ou única fonte de renda o benefício recebido pelo idoso/a.

Ao serem questionados/as em relação à renda familiar, 44% dos respondentes declarou não saber informar. Dos que informaram a renda familiar, 24% declararam encontrar-se a mesma na faixa entre mais de 1.000 a 2.000 reais. 15% informaram que a renda familiar média perfaz mais de 500 a 1.000 reais mensais. Um percentual menor, apenas 12%, informou que a renda média familiar gira entre mais de 2.000 a 4.000 reais. Três respondentes informaram ter renda familiar entre 350 a 500 reais. Nenhum respondente informou ter renda familiar acima de 4.000 reais.

## 4.2 Concepções de gênero e sexualidade

Nesta seção apresentamos a análise dos dados coletados em dois momentos, no primeiro momento os estudantes responderam às questões propostas sem que tivessem sido submetidos a nenhuma mediação prévia. No segundo momento os estudantes responderam ao mesmo questionário, porém, depois de terem assistido aos três filmes selecionados com subsequente discussão e mediação dos mesmos.

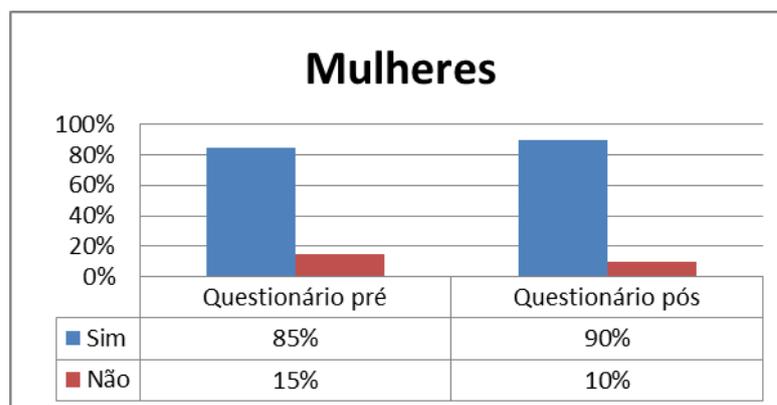
### **Questão 1. Você acredita que existem profissões que devem ser exercidas somente por mulheres ou por homens?**

A análise dos dados quantitativos aponta que houve uma alteração percentual pouco significativa nas respostas das mulheres (Fig. 1). A maioria absoluta respondeu não acreditar na existência de profissões primordialmente femininas ou masculinas (85% no questionário prévio e 90% no questionário posterior).

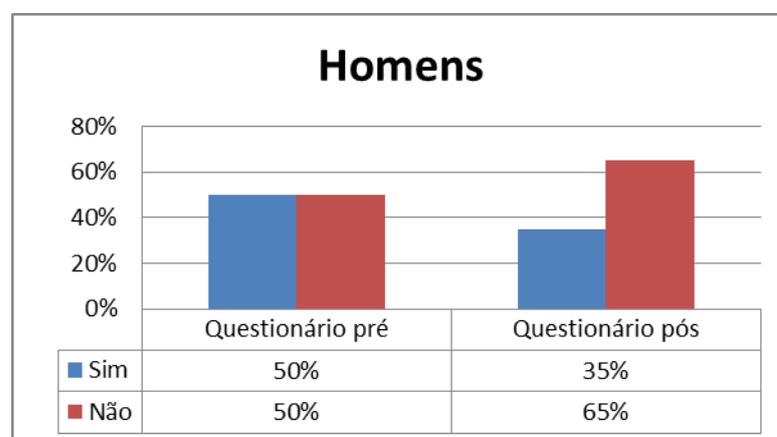
A análise das respostas dos homens demonstrou que possivelmente a exibição dos filmes e a mediação tiveram maior impacto percentual em sua opinião do que no grupo das mulheres (Fig. 2). Muito possivelmente esse resultado mais constante no grupo feminino se deve ao fato de ser o mesmo um grupo que luta há muito tempo por igualdade de direitos e

seu discurso, naturalmente é emitido transbordado por essa realidade, muitas respostas parecem automáticas e não refletidas. Desse modo, em análise posterior consideramos que apesar desse resultado percentual ser tão distinto, os homens parecem ter ideias mais claras a respeito do questionamento que as mulheres. No questionário prévio a amostra ficou dividida de forma igualitária entre as respostas dos que concordam e discordam do questionamento realizado (50/50). Porém, no questionário posterior o percentual dos que discordam cresceu 15% passando para um total de 65%. Essa mudança é considerável dentro da amostra, já que corresponde a aproximadamente nove estudantes. A presente questão será analisada qualitativamente em seção posterior.

**Figura 1- Resultado comparativo das respostas das mulheres coletadas nos questionários pré/pós**



**Figura 2 - Resultado comparativo das respostas dos homens coletadas nos questionários pré/pós**



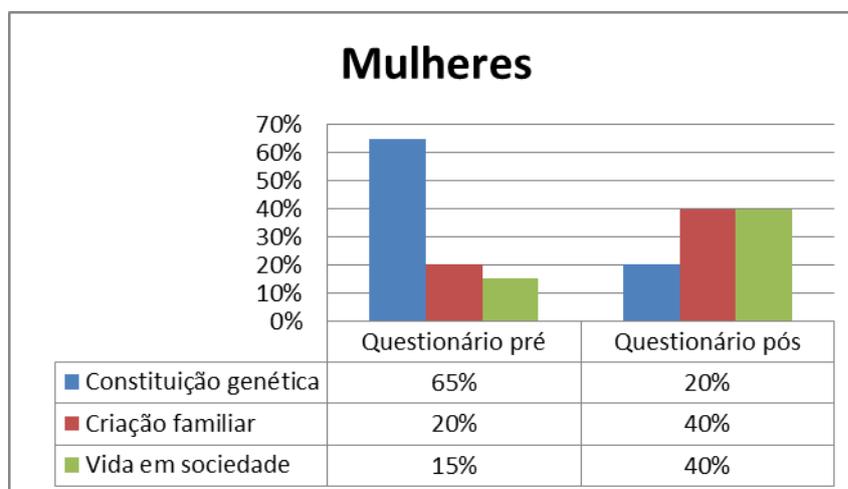
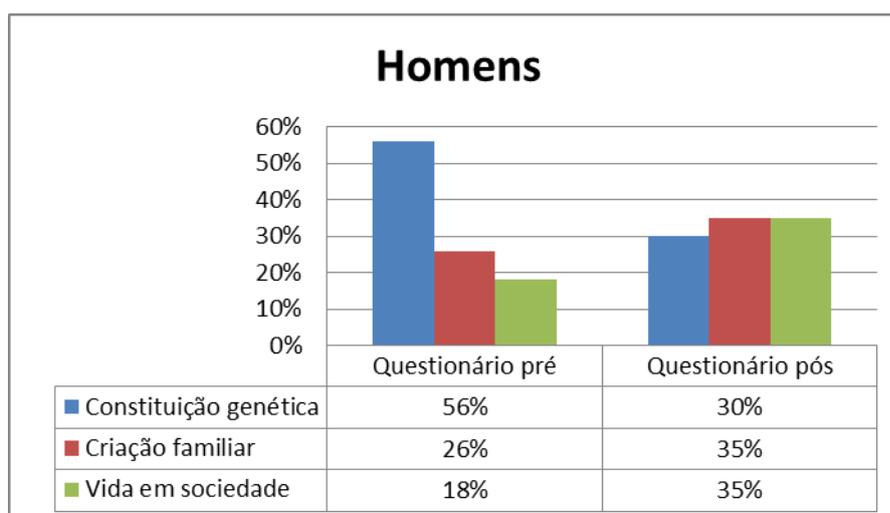
**Questão 2. Em sua opinião o que diferencia os homens das mulheres?**

Nessa questão é passível de verificação o efeito da metodologia proposta pela pesquisa na compreensão dos estudantes a respeito da construção dos papéis masculino e feminino dentro de nossa cultura. A partir do presente estudo foi possível identificar o completo desconhecimento dos mesmos do referencial de gênero e sua visão de construção dos papéis sociais de homens e mulheres por um viés relacional.

Os dados coletados a partir das respostas das mulheres indicam que a maioria (65%) considerou a carga genética como a única responsável pela diferenciação entre homens e mulheres, ou, em outras palavras, que ser mulher ou ser homem é apenas uma determinação biológica (Fig. 3). Para efeito de análise consideraremos as opções *criação familiar* e *vida em sociedade* como uma única categoria perfazendo 35% das escolhas. A mudança percentual entre o primeiro questionário e o segundo é flagrante, a constituição genética antes com 65% das escolhas passou a um percentual de 20%, e a combinação das duas outras alternativas somou 80% das escolhas. Podemos inferir que essa mudança drástica de posicionamento de opiniões ocorreu como resultado de um processo de alteração cognitiva, quando um conhecimento que já está acomodado é desestruturado com uma nova informação que leva a um desconforto que impulsiona o indivíduo na busca de subsídios para se sentir confortável novamente acomodando o novo. (FERRACIOLLI, 2001).

Não é possível através do presente dispositivo saber se as informações discutidas e levantadas serão promotoras de mudanças no comportamento dos estudantes, porém se mostrou pertinente para responder ao questionamento central do estudo.

As reflexões pertinentes ao grupo das mulheres encontraram similaridade no grupo dos homens. Porém, no questionário prévio as respostas dos mesmos se mostraram mais equilibradas (Fig. 4). No questionário prévio 56% dos estudantes opinaram que o que os diferenciava das mulheres era a constituição genética em detrimento da criação familiar e vida em sociedade, que juntas somaram 44% das respostas. No questionário posterior a alternativa referente à constituição genética passou para 30% contra 70% das outras duas alternativas. As considerações feitas para o grupo das mulheres se aplicam também ao grupo masculino.

**Figura 3 - Resultado comparativo das respostas das mulheres coletadas nos questionários pré/pós****Figura 1 - Resultado comparativo das respostas dos homens coletadas nos questionários pré/pós**

**Questão 3. Você foi convidado (a) para ir a um aniversário de cinco anos de uma vizinha sua. O que você acha mais adequado comprar?**

Os dados analisados demonstraram que no questionário prévio a maioria das mulheres acreditava ser a boneca o melhor presente para uma menina de cinco anos (65%). No questionário pós esse percentual caiu para 40% (Fig. 5). A criança desde o seu nascimento e posterior desenvolvimento aprende a brincar, portanto, ela vai brincar com o que estiver disponível para ela, o que for ofertado pelos adultos. Desse modo, se os adultos acreditam que bonecas são mais apropriadas para meninas, elas se desenvolverão acreditando nisso (KISHIMOTO; ONO, 2008). Portanto, as respondentes da pesquisa espelham essa realidade

em sua escolha. É dessa maneira que os estereótipos são criados e cultivados, por esse motivo essa discussão deve ser instigada para desconstruir essa ideia e posteriormente superá-la.

Kishimoto e Ono (2008) publicaram os resultados de uma pesquisa realizada numa brinquedoteca no estado de São Paulo, reconhecida como espaço livre de brincadeiras, com crianças de 2 a 10 anos. Em seus relatos apontaram que crianças de ambos os sexos se aventuram em brincadeiras tipificadas como pertencentes a um ou outro gênero, e, algumas vezes, sofrem preconceito dos próprios colegas de brincadeira.

No questionário prévio 10% das estudantes optaram pelos jogos, enquanto no questionário posterior 50% delas optaram por eles. Fica evidente o desprestígio dos jogos como possíveis objetos de brincadeira, lazer e diversão para as mulheres. De modo geral, não só na escola, os jogos cumprem um papel relevante no desenvolvimento cognitivo das crianças, ser privada dessa possibilidade interdita a criança a um leque enorme de possibilidades de construções no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Mais uma vez vemos que o que impera nessas escolhas é a falta de conhecimento e a acomodação dos estereótipos introduzidos pela sociedade. A escolha pela maquiagem foi a opção de 25% delas no questionário prévio e 10% no questionário posterior. Parte das respondentes identificou na maquiagem o presente mais apropriado para as meninas. Mais uma vez vemos aqui o resultado da construção dos estereótipos. No filme uma família bem diferente, o personagem Scot, um pré-adolescente que perdeu a mãe há pouco tempo, vai morar com um casal de homossexuais. Scot tem por hábito utilizar os pertences da mãe como maquiagens e adornos. Refletindo que a brincadeira é uma forma de elaborar de forma criativa o real dentro do imaginário, Scot cria uma aproximação com a mãe ausente e elabora a nova realidade.

Nenhuma mulher optou pelo skate em nenhum dos dois questionários. Esse fato é bem curioso, no estudo de Kishimoto e Ono (2008), brincar de skate é uma brincadeira compartilhada por meninos e meninas na brinquedoteca em São Paulo, porém, ressaltam que no estado do Rio de Janeiro, o mesmo não se verifica, pois, neste estado, brincar com skate é visto como brincadeira de menino. Essa observação pode trazer alguma elucidação para o fato do skate não ter sido escolhido em dos questionários.

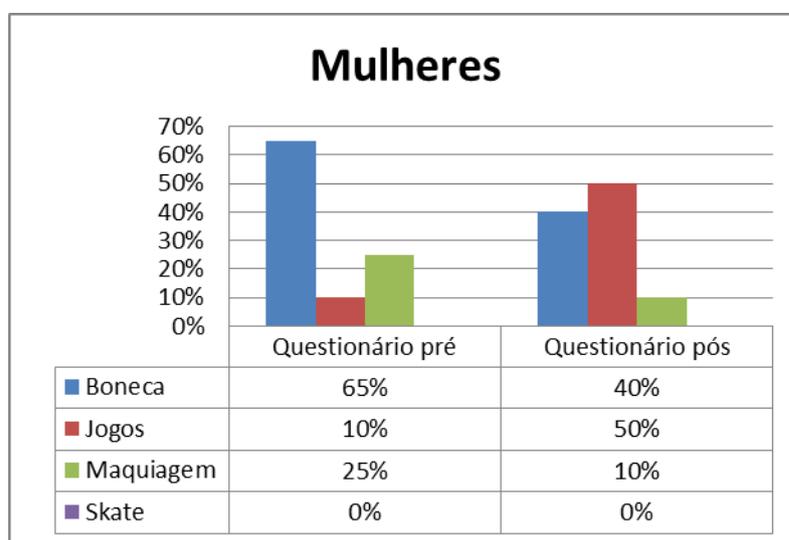
Sem sombra de dúvida, a discussão e as reflexões produzidas a partir da exibição dos filmes contribuíram para uma alteração tão representativa dos resultados.

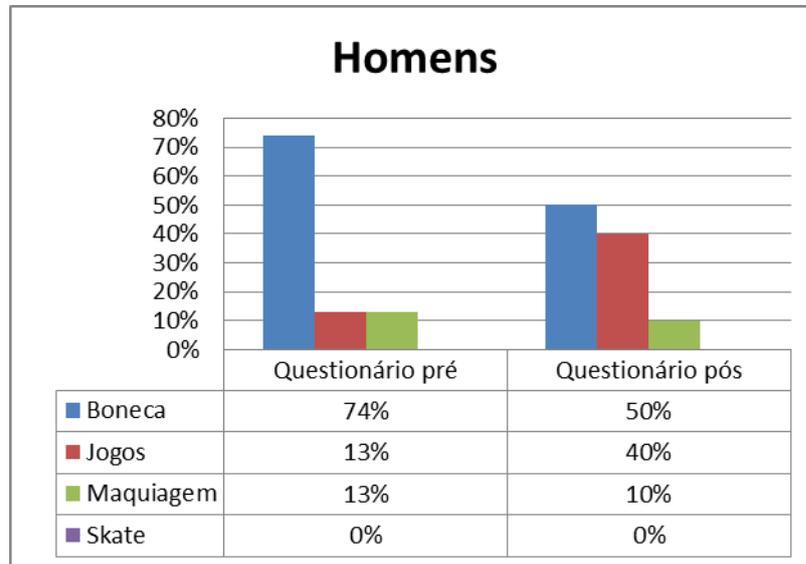
O resultado dos dados dos homens guarda bastante similaridade com os obtidos para as mulheres (Fig. 6). No questionário prévio 74% dos estudantes opinaram que a boneca seria

o melhor presente para uma menina de cinco anos; no questionário posterior essa certeza caiu e ficou representada por 50% das respostas. É bem verdade, que um percentual de 50% é bem alto, porém uma mudança em 24% nas opiniões também é bastante significativa.

Confirmando o acontecido com o grupo feminino, os jogos que no questionário prévio foram a escolha de 13%; no posterior subiu para 40%. Um resultado que deve ser relacionado à mediação. Em relação à alternativa maquiagem pouca alteração houve, de 13% para 10%. Repetindo o fenômeno do grupo feminino nenhum estudante escolheu a opção skate em nenhum dos dois questionários.

**Figura 2 - Resultado comparativo das respostas das mulheres coletadas nos questionários pré/pós**

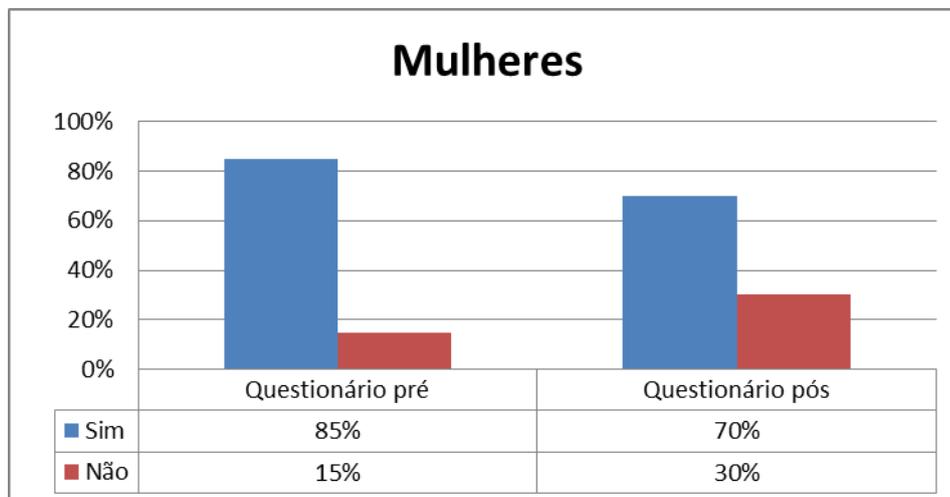
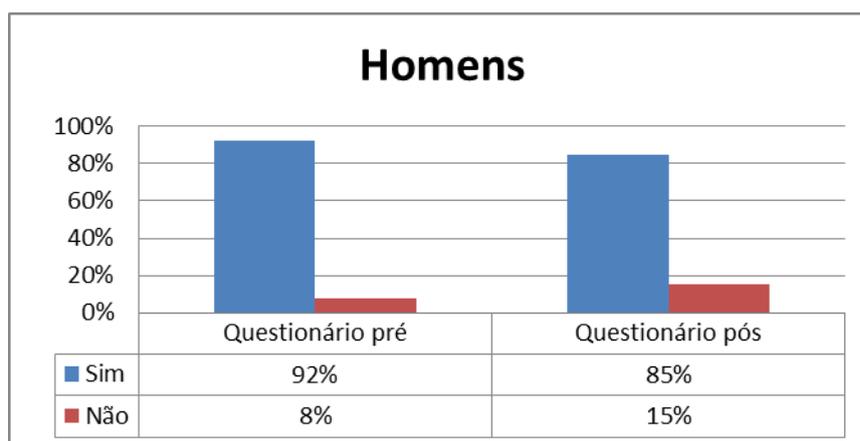


**Figura 3 - Resultado comparativo das respostas dos homens coletadas nos questionários pré/pós**

**Questão 4. Hoje em dia muitas coisas mudaram em relação à vivência da sexualidade, mas você acredita que a virgindade ainda é importante e deve ser preservada pelas mulheres?**

Essa questão contempla um assunto ainda delicado para alguns jovens e isso fica claro nos resultados. Questionadas sobre a importância da manutenção da virgindade 85% das respondentes opinaram concordarem com essa postura (Fig. 7). No questionário posterior esse valor caiu para 70%. Os resultados contrários à importância dada à virgindade somaram 15% no questionário prévio e 30% no questionário posterior.

O resultado do grupo masculino reflete a realidade de uma cultura ainda marcada pelo machismo (Fig. 8). Não menos do que 92% dos estudantes opinaram que a mulher deve se manter casta até o casamento, no resultado posterior esse percentual variou para 85%. Os que se colocaram contrários a essa postura contavam 8% no resultado prévio e 15% no posterior. A presente questão será analisada qualitativamente em seção posterior.

**Figura 7 - Resultado comparativo das respostas das mulheres coletadas nos questionários pré/pós****Figura 8 - Resultado comparativo das respostas dos homens coletadas nos questionários pré/pós**

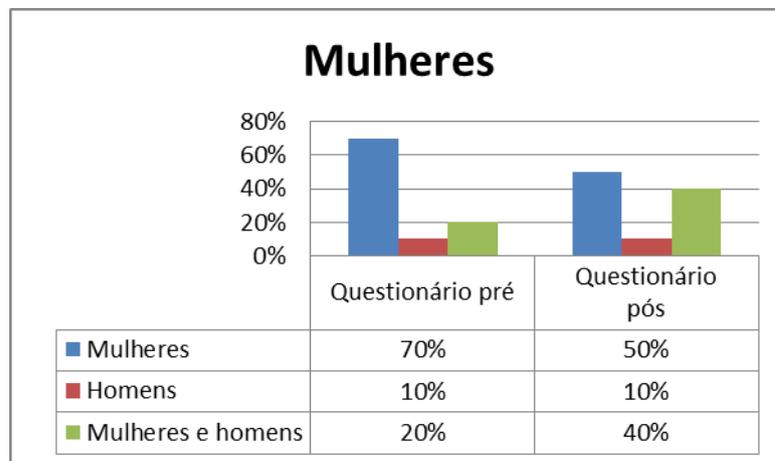
**Questão 5. Vocês acabaram de participar da primeira etapa da Olimpíada de Matemática, em sua opinião quem tem maiores chances de passar para novas etapas?**

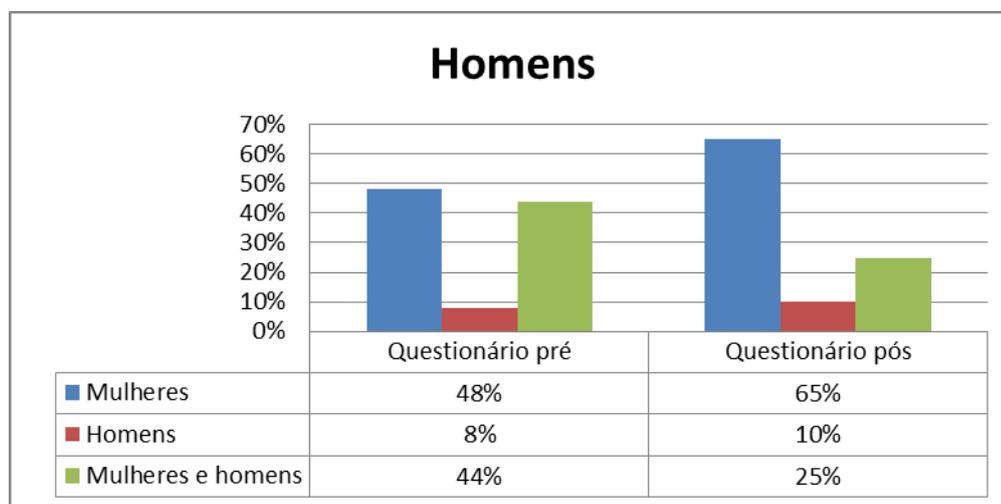
Nesta questão as opiniões de homens e mulheres coincidiram. Os dois grupos opinaram que as mulheres teriam maiores chances de passar para novas etapas da Olimpíada de Matemática das Escolas Públicas. Entre as mulheres, no questionário prévio, 70% declararam que as mulheres seriam as prováveis candidatas ao prosseguimento; no questionário posterior esse valor caiu para 50% (Fig. 9). Com os homens aconteceu o inverso, o percentual passou de 48% para 65%. As apostas nos homens foram bem tímidas (Fig. 10). As mulheres responderam que somente 10% dos mesmos teriam chances e mantiveram essa opinião no questionário posterior. No grupo dos homens 8% apostaram em si próprios num primeiro momento, passando para 10% no questionário posterior.

Na alternativa que apontava chances iguais para ambos os sexos houve uma inversão nas opiniões de homens e mulheres. As mulheres passando de 20 para 40%; e os homens de 44 para 25%. As mulheres passaram a apostar mais em ambos os sexos, e os homens apostaram mais nas mulheres.

Segundo Zohar e Bronshtein (2005) as meninas apresentam maior facilidade para assimilar conhecimentos que podem ser compreendidos numa perspectiva mais ampla, enquanto os meninos conseguem perceber a relevância do conhecimento fragmentado. Os dados desses pesquisadores ratificam a opinião expressa por ambos ao acreditarem que os homens são mais competentes para a matemática ou para o raciocínio lógico. Os dados também vão de encontro ao relatório da Fundação Carlos Chagas (2008) que diz que existe uma maior prevalência das mulheres entre os mais escolarizados. O que corrobora a ideia das mesmas serem mais estudiosas.

**Figura 9 - Resultado comparativo das respostas das mulheres coletadas nos questionários pré/pós**

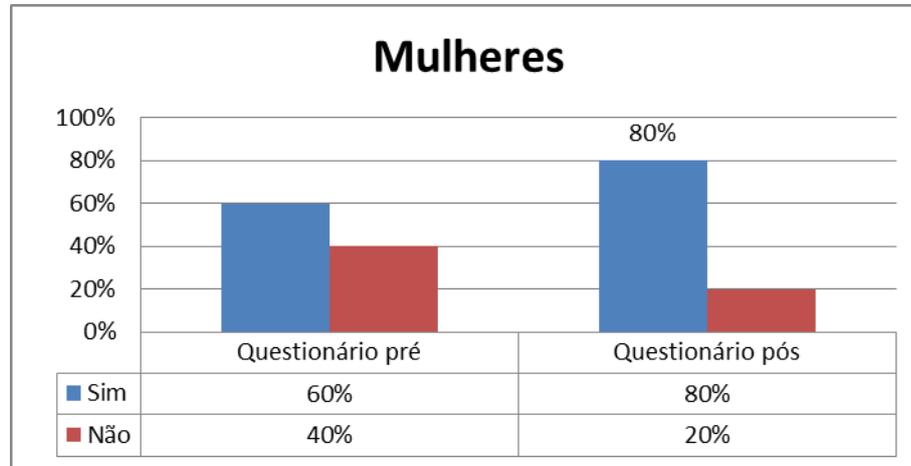


**Figura 10 - Resultado comparativo das respostas dos homens coletadas nos questionários pré/pós**

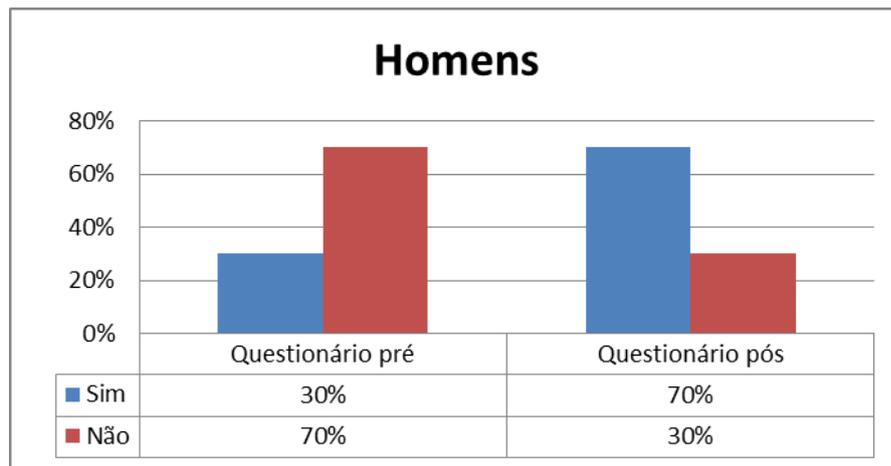
**Questão 6. Douglas e Alice são os pais de Lucas e Natália e desde que os dois filhos eram muito pequenos sempre foram tratados e estimulados a realizarem as mesmas tarefas. Você acredita que os pais de Lucas e Natália agem corretamente ao tratá-los dessa forma?**

Na presente questão a opinião das mulheres se ratificou e a dos homens se inverteu. Questionadas sobre a igualdade de tratamento dado pelos pais aos filhos de sexos diferentes 60% delas concordou com essa postura na primeira vez que foi questionada; e 80% concordaram da segunda vez (Fig. 11). No grupo dos homens 30% concordaram no primeiro momento e 70% no segundo (Fig. 12). Os respondentes que discordaram da postura igualitária por parte dos pais ficaram distribuídos da seguinte forma: no grupo das mulheres foram 40% no questionário prévio passando a 20% no questionário posterior; já os homens passaram de 70% no questionário prévio para 30% no questionário posterior. A opinião dos os se inverteu.

**Figura 11 - Resultado comparativo das respostas das mulheres coletadas nos questionários pré/pós**



**Figura 12 - Resultado comparativo das respostas dos homens coletadas nos questionários pré/pós**



**Questão 7. Anita tem um filho de dez anos que desde muito pequeno sempre gostou de brincar com bonecas. Anita não vê nada de errado nessa atitude, mas seus parentes vivem dizendo que ela não deveria permitir tal atitude, pois isso estaria incentivando o menino a uma futura homossexualidade. Você concorda com os familiares de Anita?**

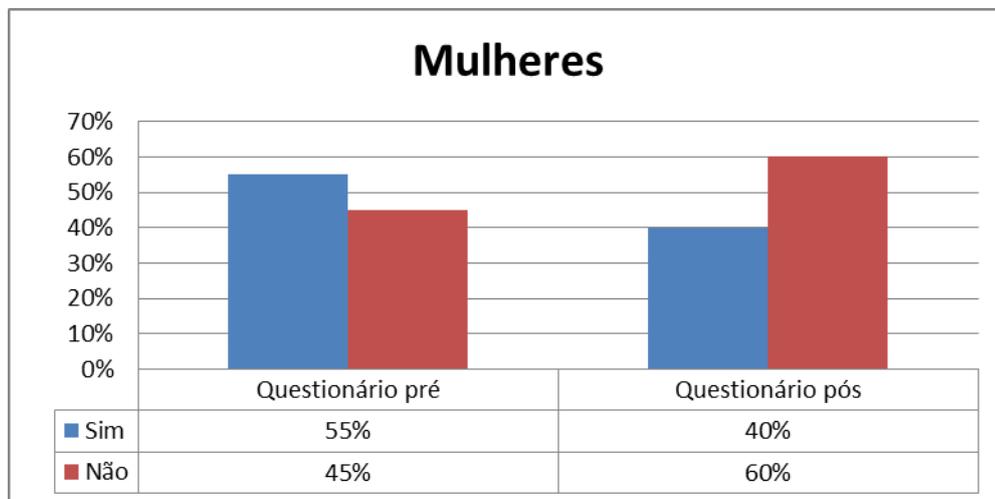
Os resultados demonstraram que a homossexualidade continua a ser assunto de difícil trato mesmo entre jovens. Num primeiro momento ao serem questionados se concordavam com a repreensão sofrida por uma mãe por deixar o filho brincar de boneca, 55% das mulheres concordaram e 82% dos homens (Figs. 13 e 14). Após a exibição e mediação dos filmes esses percentuais passaram para 40% entre as mulheres e 70% entre os homens. Os que discordaram dessa postura, ou seja, não acreditam que o fato de brincar com boneca levará a uma homossexualidade futura, somaram 45% e posteriormente 60% entre as mulheres; e, 18% e depois 30% entre os homens.

O direito ao brinquedo e à brincadeira deve ser encarado como uma ação livre da criança (KISHIMOTO; ONO, 2008). O ato de brincar, para além de ser apenas lazer, é uma importante atividade em que a criança a partir do lúdico se apropria da realidade social e cultural que a cerca. É através da brincadeira e de todo o mundo imaginário que a envolve que é elaborada a compreensão do mundo, das pessoas e de si mesmo. Podemos perceber a brincadeira como uma leitura particular do mundo para consequente interpretação e acomodação na construção da subjetividade. Portanto, ao pensar em estereótipos masculinos e femininos presentes em brincadeiras infantis é necessário ressaltar que esses estereótipos são a reprodução do ambiente em que a criança vive, dos adultos com os quais convive.

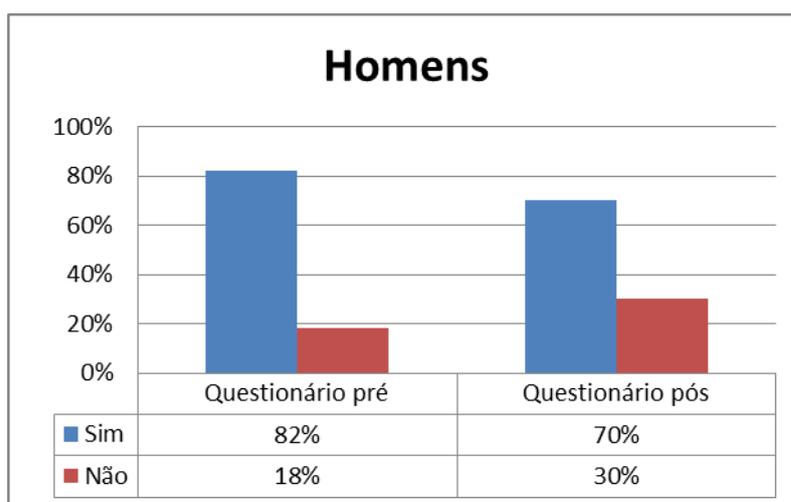
A dicotomia entre o que é brinquedo feminino e o que é brinquedo masculino é aprendida socialmente e contribui para a formação identitária do indivíduo, muitas vezes, perpetrando intolerâncias e discriminações futuras. Grande parte dos jovens de nosso estudo acredita que meninos que brincam com bonecas estão sendo incentivados a uma futura homossexualidade. Essa crença contradiz pesquisadores da área de educação e psicologia (BROUGÈRE, 2004), para os quais essa diferenciação entre o que é de menino e o que é de menina é construído pela família, e, uma educação mais livre desprovida dessa dicotomia propiciaria uma construção da individualidade muito mais saudável e igualitária com a ausência dos estereótipos.

Após a exibição dos filmes os percentuais de respostas afirmativas a essa questão diminuiu nos dois grupos, porém, o que ficou mais evidente foi a mudança nas mensagens produzidas por esses jovens através dos questionários que se tornaram menos agressivas, mesmo externando suas opiniões.

**Figura 13 - Resultado comparativo das respostas das mulheres coletadas nos questionários pré/pós**



**Figura 14 - Resultado comparativo das respostas dos homens coletadas nos questionários pré/pós**



**Questão 8. Você vai fazer sua primeira viagem de avião e está com certa apreensão em relação ao que pode acontecer na viagem. Após se acomodar no seu assento ouve uma voz feminina no alto-falante e descobre que o comandante do vôo é uma mulher. Isso te causa insegurança?**

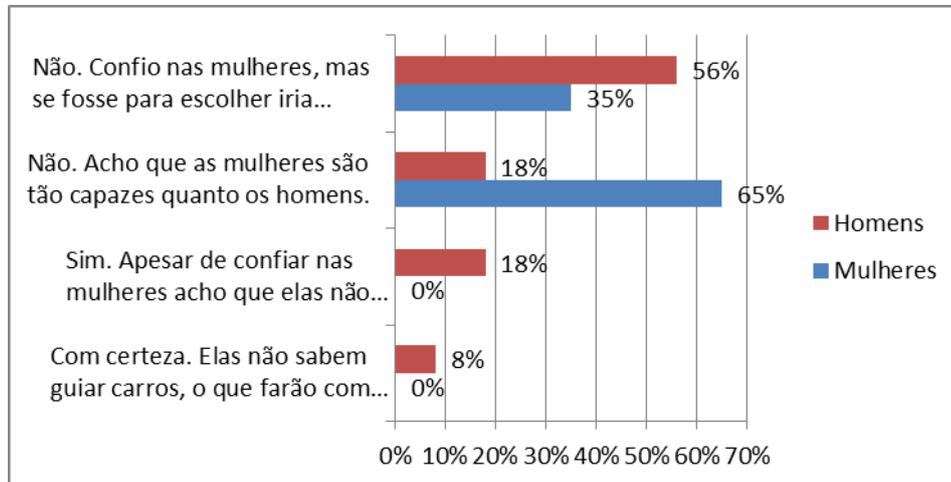
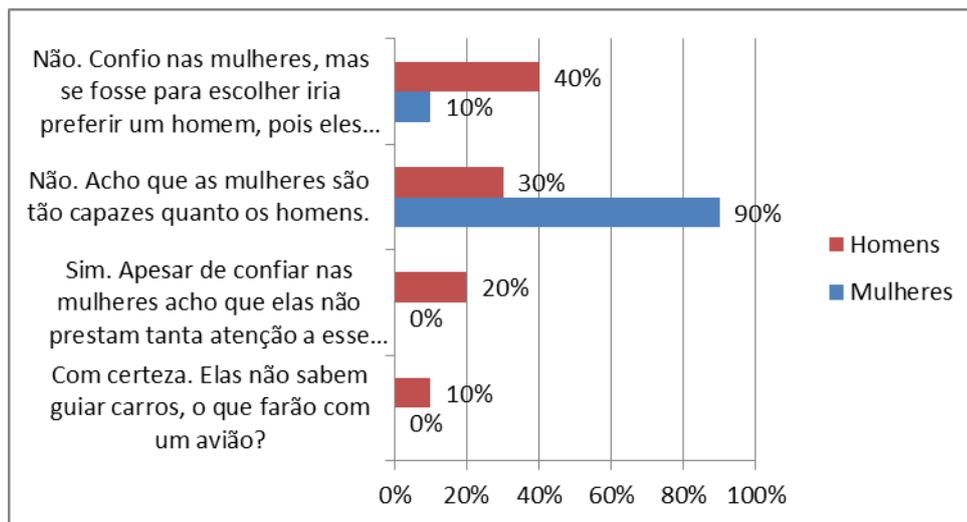
Os resultados revelaram que em um primeiro momento 65% das alunas acham que as mulheres são tão capazes quanto os homens. No questionário posterior esse percentual subiu consideravelmente para 90% (Fig. 15). Já 35% das mulheres optaram pela alternativa que afirmava acreditar na competência da mulher, mas estariam mais seguras na presença de um homem. No questionário posterior esse percentual caiu para 10%. As alternativas que

desqualificavam a mulher como motorista não foram escolhidas pelas mulheres. Isso mostra uma reação expressiva das mulheres contra a discriminação.

Souza (2011), em pesquisa realizada no estado de Minas Gerais com 89 condutoras descreveu que 68% delas afirmam já terem passado por situações de preconceito. Questionadas sobre o tipo de discriminação sofrida elas exemplificaram com expressões como: “Tinha que ser mulher!”, “Vá pilotar fogão!”, “Mulher no volante, perigo constante!”, “Acelera tartaruga!” etc. A pesquisadora também aponta os relatos de prejulgamento sofrido pelas mulheres em caso de acidente quando são culpabilizadas pela opinião pública mesmo não tendo sido as responsáveis pelo acidente. Questionadas sobre a relação gênero/volante, 47% disseram que as mulheres são melhores motoristas, 47% opinaram que homens e mulheres são iguais e 6% acreditam que homens são melhores. Resultado bastante diverso do encontrado no presente trabalho, apesar do questionamento não ter sido o mesmo. Na atual pesquisa a maioria esmagadora das estudantes acredita que mulheres são tão hábeis quanto os homens.

Quando as mulheres são questionadas do motivo de se considerarem melhores motoristas elas elencam uma lista de características consideradas próprias do universo feminino como: tolerância, paciência, educação, delicadeza etc. Essa é uma visão estereotipada da mulher, é a forma como ela se vê, e, o que a sociedade espera dela. Portanto, percebe-se que no trânsito as relações de gênero perpassam as situações para além do preconceito, elas formatam o que se espera do comportamento de homens e de mulheres.

O resultado da análise dos dados dos homens foi mais diversificado que o das mulheres havendo representatividade em todas as alternativas (Fig. 16). A alternativa que desqualifica completamente as mulheres como motoristas atingiu 8% das escolhas dos homens no questionário prévio e 10% no questionário posterior. Dado interessante, já que representa um aumento, mesmo que pouco significativo, no número de respondentes que desqualificam completamente as mulheres como motoristas. Outro grupo de estudantes representado por 18% das opções acredita que as mulheres não são tão boas como motoristas, no questionário posterior esse índice subiu para 20%. A alternativa em que afirmam a competência feminina, porém depositam mais confiança nos homens atingiu um percentual de 56% num primeiro momento e posteriormente 40%. A opção que afirmava plena confiança nas mulheres como motoristas atingiu 18% no questionário prévio e 30% no questionário posterior.

**Figura 15 - Resultado percentual das respostas prévias à questão 2.7****Figura 4 - Resultado percentual das respostas coletadas após a exibição dos filmes**

**Questão 9. Seu filho acabou de nascer e foi dado a você o dom de escolher a profissão do menino. Qual das opções abaixo você escolheria?**

Ao analisar essa questão observamos diretamente o impacto da exibição dos filmes na mudança de opinião dos estudantes, principalmente dos homens. Eles partem de uma posição, numa primeira análise bastante machista e estereotipada, para uma postura mais harmônica.

De posse dos dados foi possível detectar que as mulheres ao opinarem sobre a profissão do filho em maioria absoluta escolheram a alternativa estilista com 55%; seguida por pintor de parede 30%; bailarino 15%, nenhuma mulher escolheu a profissão de motorista.

No questionário posterior obtivemos a seguinte distribuição: alternativa estilista com 60%; bailarino 40%; sem representatividade para as demais alternativas (Fig. 17). Durante a mediação dos filmes ficou claro que as mulheres escolhem a profissão dos filhos muito mais preocupas com a questão econômica que propriamente de gênero, enquanto os homens levam em consideração as duas coordenadas. Elas escolheram as profissões que são estereotipadas como femininas em detrimento das pertencentes ao estereótipo masculino, movidas pela possibilidade de um futuro mais promissor para os filhos.

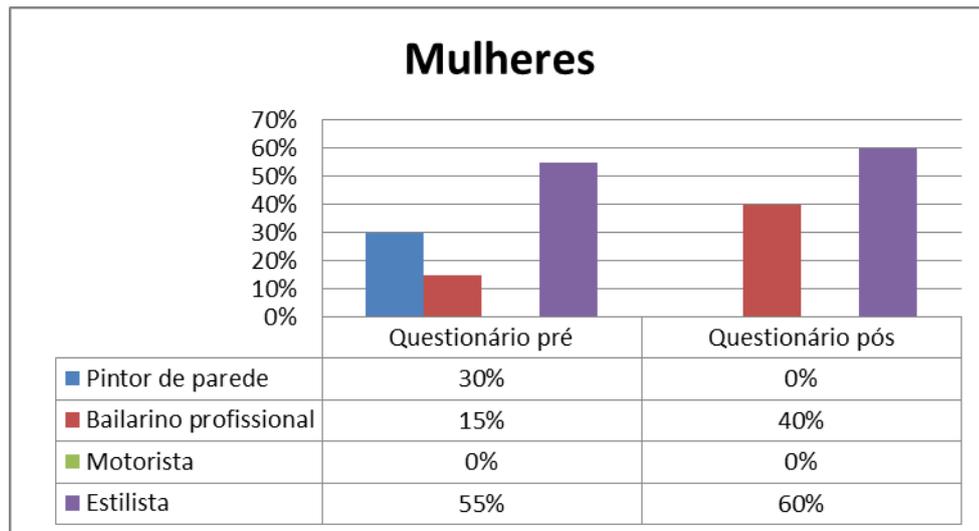
O resultado dos homens demonstrou que no questionário prévio 22% gostariam que o filho fosse pintor de parede; 8% bailarino; 48% motorista e 22% estilista. No questionário posterior as escolhas foram 10% pintor de parede; 30% bailarino; 30% motorista e 30% estilista (Fig. 18). Verificamos pelos resultados que os homens continuam escolhendo profissões culturalmente masculinas para seus filhos, porém, apresentam uma boa abertura para as profissões consideradas femininas ou de homossexuais.

Durante a pesquisa, um dos filmes apresentado (Billy Elliot) trazia como temática o conflito enfrentado por um adolescente que queria e tinha vocação para a dança clássica, mas era de uma família com tradição no trabalho na mineração. A partir do filme o tema foi exaustivamente debatido pelos jovens que chegaram à conclusão que o preconceito que rotula de homossexual todo bailarino era infundado.

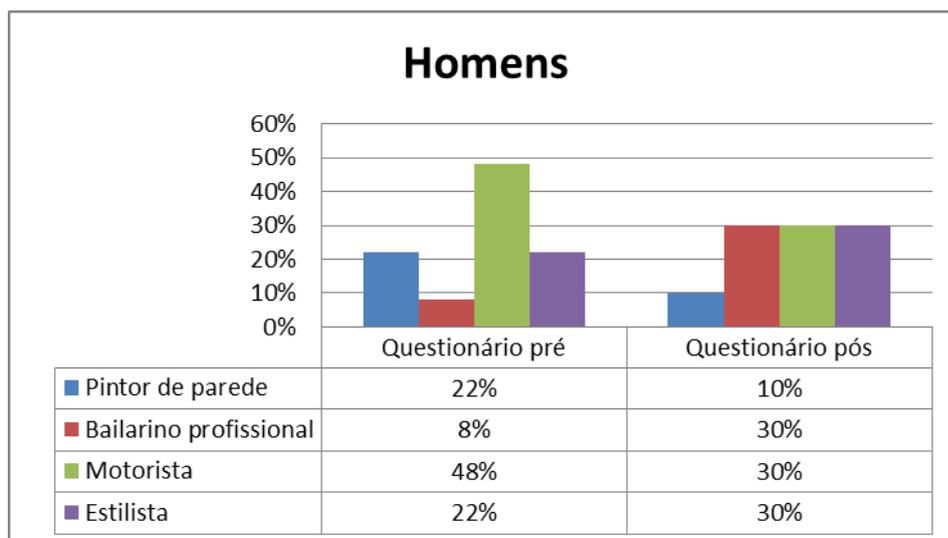
Soares (2005) empreendeu uma pesquisa que comparava através de um questionário as respostas de jogadores de futebol e bailarinos para descobrir o quanto os mesmos traziam em sua personalidade de padrões femininos, masculinos, e androgênicos (equilíbrio entre os dois anteriores). Os resultados demonstraram que em relação à coordenada racionalismo os bailarinos apresentam características mais representativas do universo masculino. Na coordenada ousadia os bailarinos também se sobrepõem aos jogadores de futebol, sendo esta também considerada uma característica masculina. Com relação à coordenada feminilidade bailarinos e jogadores de futebol estão empatados. Esses dados corroboram a ideia já há muito disseminada de que a escolha da profissão não irá determinar as escolhas sexuais do indivíduo. No filme Uma família bem diferente o personagem Erick demonstra bem essas particularidades que compõem a personalidade de um indivíduo e sua escolha sexual. Ele é homossexual, ex-jogador de hóquei e conhecido pela extrema violência. Portanto, é um homossexual com características fortemente masculinas.

Percebemos que os mesmos preconceitos sofridos pelas mulheres ao serem consideradas inaptas para determinadas profissões, é encarado por homens que escolhem profissões que culturalmente fazem parte do “universo feminino”.

**Figura 5 - Resultado comparativo das respostas das mulheres coletadas nos questionários pré/pós**



**Figura 6 - Resultado comparativo das respostas dos homens coletadas nos questionários pré/pós**



### Considerações finais

Ao finalizar a análise dos dados e realizar a discussão dos resultados obtidos com alguns referenciais teóricos existentes na comunidade acadêmica, observou-se que os filmes utilizados como recurso didático apresentaram potencial relevante para a discussão crítica sobre gênero e sexualidade em turmas de ensino médio.

É bem verdade que a presente pesquisa não tinha a intenção de mudar posturas ou comportamentos dos estudantes e, tão só, identificar se os filmes seriam capazes de fomentar discussões entre os estudantes que ultrapassassem as crenças do conhecimento empírico a muito arraigadas em nossa sociedade e, como consequência natural, também presentes no ambiente escolar. Nesse caso particular, e, a partir das mensagens contidas nas opiniões dos/as estudantes podemos afirmar que houve empoderamento nas discussões travadas e sustentadas pelos/as jovens a partir da imersão na realidade paralela possibilitada pela exibição dos filmes.

Podemos inferir que muitas das posturas estereotipadas assumidas por estes/as jovens traduziam-se por completa falta de conhecimento. No tocante à perspectiva de gênero, 100% deles desconheciam sua existência e relevância para compreender como são engendrados os papéis masculinos e femininos assumidos em nossa sociedade.

A análise quantitativa realizada por meio da comparação de percentuais de frequência às respostas demonstrou que na maior parte das questões sugeridas as mudanças de opinião depois da exibição e mediação dos filmes foi significativa.

Diante de todos esses fatos que corroboram a hipótese de serem os filmes ferramentas com grande potencial para discussão de gênero e sexualidade, uma questão que surgiu durante a análise dos resultados ficou sem resposta. Porque, em alguns aspectos realçados no trabalho, as mulheres apresentam mais dificuldade em aceitar um tratamento igualitário que os homens? Talvez essa seja uma questão que possa gerar desdobramentos desta pesquisa.

### Referências Bibliográficas

ARANHA, M. L. de A. *Filosofia da Educação*. São Paulo, SP: Moderna, 1996.

BORTOLINI, A. Diversidade sexual e de gênero na escola - Uma perspectiva Intercultural e Interrelacional. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 11, p. 27-37, 2011.

BROUGÈRE, G. *Brinquedos e companhia*. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

FERRACIOLI, L. Aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento na obra de Jean Piaget: uma análise do processo de ensino-aprendizagem em Ciências. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 80, p. 5-18, 2001.

- FOLLADOR, K. J. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. *Revista fato & versões*, v. 1, p. 3-16, 2009.
- GUERRA, R. D. *Mulher e discriminação*. Belo Horizonte, MG: Fórum, 2011.
- KISHIMOTO, T. M.; ONO, A. T. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Proposições*, Campinas, v. 19, p. 209-223, 2008.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. *Teorias de currículo*. São Paulo, SP: Cortez, 2011.
- LOURO, G. L. *O corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 2004 a.
- \_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1999.
- PEDRA, J. A. Currículo e conhecimento: níveis de seleção de conteúdos. *Em Aberto*, Brasília, ano 12, nº58, abr/jun, 1993.
- SANTOS, P. C. D. *A utilização de recursos audiovisuais no ensino de ciências: tendências entre 1997 e 2007*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, 2010.
- SCHMIDT, E. S. Currículo: uma abordagem conceitual e histórica. *Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Lingüística, Letras e Artes*, v. 11, n. 1, p. 59-69, 2003.
- SOARES, J. P., ASSIS, Y., & SOUSA, F. Estudo comparativo quanto ao gênero e auto conceito de bailarinos e jogadores de futebol amadores do vale do aço. *Revista Movimentum*, v. 2, p. 21-32, 2005.
- SOUZA, M. A. A. A. Discutindo a relação gênero/trânsito na escola. *Revista Triângulo*, v. 3, p. 12-31, 2011.
- ZOHAR, A; BRONSHTEIN, B. Physics teachers' knowledge and beliefs regarding girls' low participation rates in advanced physics classes. *International Journal of Science Education*, v. 27, p. 61-77, 2005.